

TAVERNARD

num Ritual de Encantarias uma leitura de “Primários”

Josse Fares

Professora de Literatura Brasileira da
UNAMA. Cursa Mestrado em Letras
na UFPa. Co-autora de didáticos.

Em 1979, um grupo de professores e estudantes fundou a A. L. L. Pa. – Associação dos Licenciados em Letras do Pará. A agremiação durou o instante de um relâmpago. Acendeu-se e apagou-se na velocidade da luz. No entanto, no acender-se, promoveu o I Encontro sobre a Literatura Paraense, evento que me abriu as cortinas de uma ribalta, onde, para mim e também para muitos que ali estavam, no auditório da SUDAM, dormiam as obras de alguns de nossos escritores. Foi durante a semana em que se realizou o encontro que esses autores acordaram para nós, ou nós para eles. Fui apresentada às **Poesias** de Paulo Plínio Abreu pelo professor Paulo Mendes. O crítico Benedito Nunes, por sua vez, intermediou meu contato com a poética de Max Martins.

Esse encontro – para mim – correspondeu ao beijo do príncipe que acordou a bela adormecida entre as heras do tempo.

Embora a existência da A. L. L. Pa. tenha sido meteórica, ela quebrou o conceito heraclitiano de que ninguém se banha duas vezes nas mesmas águas de um rio. O tempo não pára e nem retrocede. Digo isso porque entendo esse evento como um semear de grãos. Muitos, é claro,



Bolúna Nanquim sobre papel de Morbach, PA

caíram em terra infértil ou por entre as pedras e por lá morreram. Outras, entretanto, ainda que timidamente, brotaram.

As primeiras florações das sementes da A.L.L. Pa., creio, aconteceram, em 1982, através do grupo Mãos Dadas, por mim criado na Escola Estadual Deodoro de Mendonça, quando lecionava Literatura Brasileira e Educação Artística. Assim, em 82 (lá se vão dezesseis anos!), o grupo que há um ano apresentava-se cantando ou declamando músicos e poetas paraenses, teve a idéia de promover o I Encontro com a Literatura Paraense do Deodoro de Mendonça. E foi justamente nesse encontro que conheci a obra de Antônio Tavernard. Ela me veio pela voz e pelos gestos da professora Margarida Paiva que, escavando os textos do poeta, deu-nos um opúsculo: **Antônio Tavernard para as Novas Gerações**, prêmio de ensaio da Academia Paraense de Letras. Neste trabalho, Margarida faz um painel temático dos poemas do autor de **Místicos e Bárbaros**.

O falar da professora ecoava numa das noites da semana, no auditório da escola, para uma platéia de 180 jovens, o que significa dizer: o espaço estava lotado.

Com seu jeito simples, ela nos foi trazendo as dores, as cobranças, as nuances amazônicas, os amores frustrados do poeta. A palestrante, diferentemente da que a antecederia, “ganhou” o auditório.

II - “Primários”: entrâncias e reentrâncias no mito

*O boto ou o regatão... Não se sabe... Passou,
Pelo corpo da virgem, um sopro de pecado...
E o ventre arredondou, subiu, cresceu, tufado
Tal uma sapoti que o sol amaturou...*

*A bisavó tapuia em taquari² curado
Pitou, benzeu tajá, carpiu Rudá, rezou...
O pai, caboco frio, disposto, atarracado,
Num gesto muito calmo o rifle carregou...*

*O boto ou o regatão... Não se soube... Nasceu
Um curumim canela, a cunhatã morreu...
Vergou-se o taperi ao peso dessa mágoa...*

*Mas, no mesmo lugar, bem na curva do rio,
A velha excomungou seu boto à beira d'água,
O gatilho falou, e o regatão caiu...*

Éramos todos ouvidos, atenção concentrada, até que, num dado momento, começamos a ouvir estrondos, estranhos ruídos vindos do forro de gesso. Que susto! Margarida ria, dizendo: “É a alma do Tavernard que sobrevoa o telhado!” seria ele a Matinta Pereira que “chegou na clareira e logo silvou”? Isso não sei responder, só sei que, entre risos, entramos juntos na dor existencial de um caminhante para quem o caminho estava minado de pedras.

Com “Foi boto, Sinhá”, musicado por Waldemar Henrique, o soneto “Primários”, de **Místicos e Bárbaros**, mergulha nas encantarias amazônicas. O poema conta – e “quem conta aumenta um ponto” – as peripécias do boto ou do regatão: “... o boto ou o regatão... Não se sabe... Passou,/ pelo corpo da virgem, um sopro de pecado...” O regatão, na Amazônia, é aquele que percorre os rios, de batelão ou canoa, a vender produtos.

Ao dispor dos dois agentes da sedução em confronto, coloco, frente a frente, o real e o imaginário. Assim, o ventre da virgem que “arredondou, subiu, cresceu, tufado/ feito uma sapoti que o sol maturou”, foi – não se sabe se sofreu o rito de iniciação sexual– inseminado pela naturalidade (o regatão) ou pela sobrenaturalidade (o boto). Desconstruindo a narrativa mítica, em que a fecundação advinda da sobrenaturalidade é perdoada, da virgem “o pai, caboclo frio, disposto, atarracado, num gesto muito calmo, o rifle carregou...” As balas do rifle tanto poderiam ferir o encantado quanto o mercador.

A tribo da virgem repartia-se entre a revolta e a busca de consolo que poderia vir do alto. Se a desgraça veio das águas, a consolação, para a bisavó, estaria no céu, por isso ela invoca Rudá, que no Capítulo IV de *Macunaíma – Boiúna Luna* – é identificado por Mário de Andrade como um dos deuses do bem, tanto que quando Ci, a mãe do mato e esposa de Macunaíma, morre, o amante invoca Rudá, “cantando cânticos de longa duração.” (Andrade, 1985: 23).

Ora, se o consolo estava no céu, poderia haver melhor lugar para acolher a cunhatã que, ao dar à luz a um “curumim canela”, dele se separou pelo corte do umbigo e da vida? Como Ci, a jovem tapuia migrou para o alto. A hierofania se fez. Mas, na tribo, “vergou o taperi ao peso dessa mágoa.”

Pungidos pela dor, a bisavó, bem na curva do rio, “excomungou o boto à beira d’água”, enquanto o gatilho do pai falou “e o regatão caiu...” Na queda do regatão opera-se a deslenda e, na maldição do boto, perpetua-se a lenda: o herói mítico não morre jamais, ele é invulnerável. Lembremo-nos de Édipo.

Entre os desvãos da lenda e da deslenda, a imaginação material, de que nos fala Bachelard, aponta-me um outro percurso possível de ser trilhado para interpretar a figura do mercador e inseri-lo no contexto do mito.

Câmara Cascudo, em seu **Dicionário do Folclore Brasileiro**, ao referir-se à Boiúna, cita Alfredo da Mata que a define como “cobra escura (...) de tanto destaque no folclore amazonense por transformar-se em as mais disparatadas figuras: navios, vapores, canoas...” (Cascudo: 132). O folclore amazonense referido pelo estudioso é, na verdade, o folclore amazônico. Depois dessa ressalva, que creio ser importante para a compreensão e o alargamento do mito, retomemos o batelão dos mercadores. Ele vem todo iluminado e corporifica o navio encantado que percorre os rios de nossa região. Esse mesmo que pode ser a configuração do boitatá, *a cobra de fogo* (*mboi*: cobra; *tata*: fogo).

No conto “Um Sonho”, contido em **Abaetetuba Conta** (Simões e Golder: 1995: 98-99), o narrador Mozart Costa e Silva diz que, segundo os antigos, essa cobra-navio aparece às vésperas de São João, à noite. As festas em honra a São João, sabe-se, começam na noite de 23 de junho, quando, em torno da fogueira, os ribeirinhos divertiam-se dançando e saudando o “santinho distraído”. Nessa hora propícia aos mistérios e encantarias, a cobra-navio transfigura-se, como o boto, num rapaz, no caso, num mercador, que fascina a jovem, propicia-lhe um rito iniciático, torna-a mulher. Depois, retoma seu invólucro coruscante, e deita-se, relaxado, nas serenas águas da serra da lua.

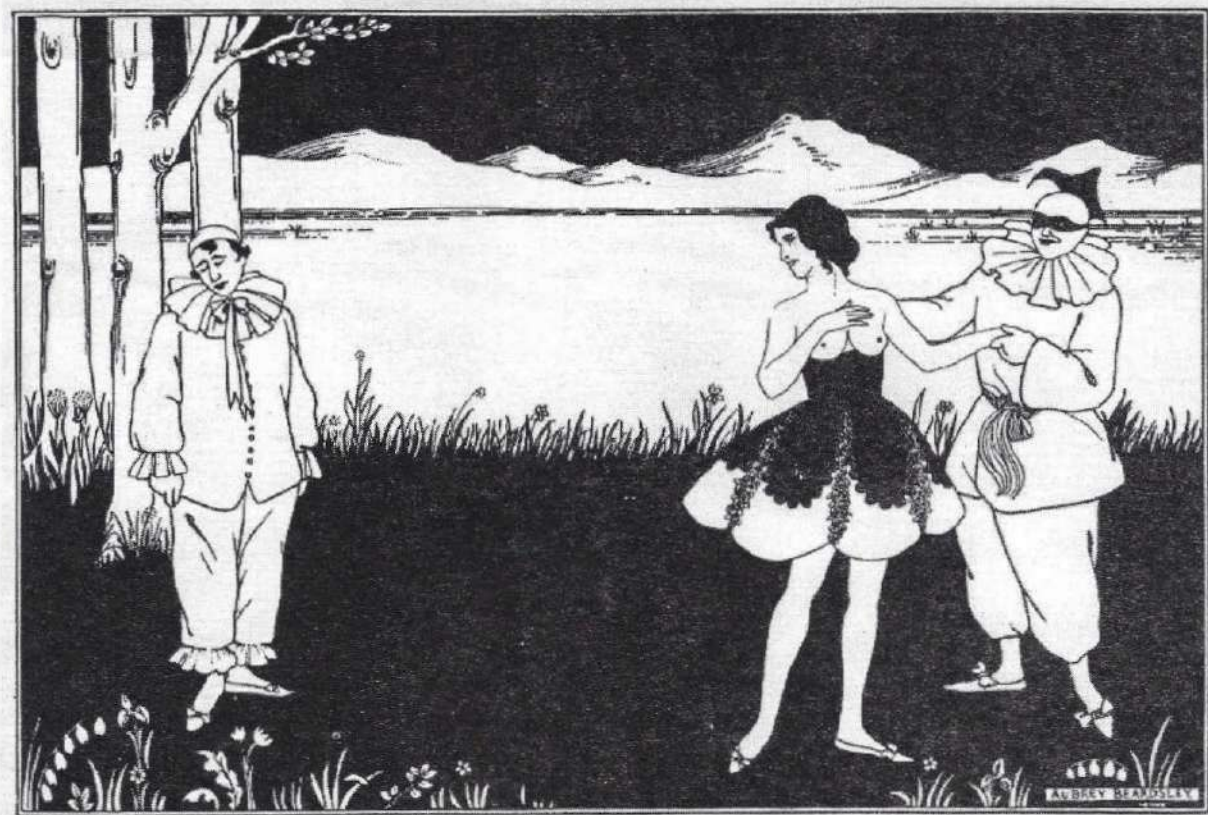
NOTAS

¹ Verso do poema Matinta Pereira, musicado pelo maestro Waldemar Henrique.

² Significação dos vocabulários de origem tupi, segundo Vicente Chermont: taquari: cachimbo indígena; taperi: casa; tapuio: índio que já fez contato com o mundo dos brancos.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário. *Macunaíma*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.
- BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte/rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANDT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.
- PAIVA, Margarida. *Antônio Tavernard para as Novas Gerações*. Belém: Academia Paraense de Letras, 1992.
- SIMÕES, Maria do Socorro & GOLDER, Christophe. *Abaetetuba conta*. Belém: Cejup, 1995.
- TAVERNARD, Antônio. *Obras Reunidas*. Belém: Conselho de Cultura do Pará, 1986.



“Eu não conheço mais completo sortimento de máscaras do que a fisionomia”.
Antônio Tavernard (Dentro da Noite – p. 156).